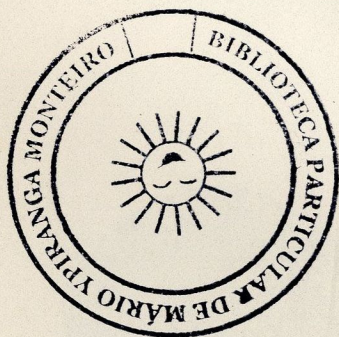
DOM LUIZ SOARES VIEIRA

Arcebispo Metropolitano de Manaus

Sua posse na

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

FALA PRESIDENCIAL

(Robério Braga)

Senhor Presidente da Academia de Letras de Botucatu
Senhores Membros do Conselho de Cultura
Professores, Escritores, Jornalistas, Autoridades
Senhores e Senhoras

Falo-vos da singularidade da vida e hora outra não haveria mais própria para pregá-la, despida das vaidades, desenganada dos tons infalíveis, mas abençoada com a formosura da graça com que podeis vestir todos os momentos de realização dos dons humanos.

Se há beleza, solenidade, encanto, prazer, honrarias nest'ora, a Academia posta no vigor de sua missão acolhendo em uma de suas poltronas quase centenárias aquele que fez votos silentes de simplicidade, para vesti-lo de azul e ouro, por sobre a púrpura do manto religioso há, confesso-vos, segundo penso e ouso propagar diante de vós, a consagração à singularidade da vida que a cada homem está reservada construir sob o pálio do seu próprio arbítrio.

E assim, mesmo dando-se ao recolhimento constante, aquele que faz fluir de entre as mãos gestos que indicam caminhos e sugerem rumos, aquele que faz brotar pelas palavras aconselhamentos sãos, o que reflete sobre o seu tempo e constrói com o exemplo dos seus dias, a aurora que deseja promissora ainda que não se lhe abra diante dos olhos da carne, este, digo-vos, mesmo sem aspirar, buscar ou prometer, é recolhido dentre muitos para as confrarias do saber e a convivência elevada do espírito.

Assim é que a casa de Adriano Jorge recebe Luiz Soares Vieira, homem religioso, depois de José Pereira Neto, Nonato Pinheiro, Walter Nogueira e Alberto Gaudêncio Ramos, sucedendo a Josué Cláudio de Souza a quem a cidade recebeu para os louros da vida e o repouso do encantamento.

Eis aquele que tem firme crença na imortalidade e para quem a veste acadêmica é réstia luminosa da singularidade da vida que aflora do espírito, no pensamento, na palavra, no gesto, na sucessão de manhãs, na grandeza das horas de oração, na honra destas pompas.

Senhoras, Senhores, Autoridades agradeço-vos terem participado desta hora singular.

Acadêmicos: fulgurações fizeram-se com as vossa presenças.

Acadêmico Max Carphentier: vós honrastes as mais solenes tradições da Casa.

Senhor Luiz Soares Vieira, digo: Sêde bem-vindo para a consagração acadêmica dos dons da vida.

SAUDAÇÕES A DOM LUIZ SOARES VIEIRA

(Max Carphentier)

"Já sabes que te falo algumas vezes; não deixes de o escrever, porque embora a ti não te aproveite, poderá aproveitar a outros".

Palavras de Jesus a Santa Teresa de Ávila

Senhor Presidente,
Senhores Acadêmicos,
Senhoras e Senhores,
Excelência Reverendíssima
Dom Luiz Soares Vieira,

Certamente ainda faiscavam os últimos relâmpagos do Calvário, quando, São Pedro, aquele Pedro algo temperamental que cortara a orelha de Malco, que antes não conseguira andar mais do que alguns passos sobre as águas e depois terá poder de ressuscitar Tabita, esse Pedro subitamente viu-se sozinho diante do rebanho interminável. Sozinho, não, os cajados tristonhos dos outros apóstolos o cercavam no primeiro de todos os concílios, feito ali mesmo, ao pé do último minuto das três horas de agonia. Enquanto se afastava o soldado que ganhara no jogo o manto tecido por Maria, Pedro se perguntava, já sob o desafio da responsabilidade tremenda: que fazer? A missão fundamental - dissera o Mestre - era apascentar as gerações por entre os séculos. Apascentar pela palavra, pelo exemplo e pelo sacrifício. Na construção da Igreja, a palavra é fundamento, o exemplo são colunas e o sacrifício, a cúpula. Desde aí, Senhores, essa missão de tríplice fervor orienta a cátedra de Pedro, cuja linguagem e construção, destino e graça são transmitidos de pontífice a pontífice por um fio interminável em que se alternam as texturas do mistério e da revelação. Na verdade, trata-se de uma herança deixada primeiro pelo Verbo, depois pelos profetas, que foi consubstanciada pelo Filho, velada pelos apóstolos e santos e aberta a todos nós, herdeiros da salvação.

Há, felizmente, os administradores desse espólio santo, mãos que multiplicam as riquezas eternas e as distribuem às gerações dos séculos, e fazem disso a sua vida, a obra da sua vocação. São os artífices visíveis da graça que sustenta o mundo, os tecelões daquele fio da Providência que se originou no Verbo, que envolve e dá sentido à translação da terra dos homens, que circunscreve o universo e explica o espaço dos anjos como

prefiguração do nosso território futuro dentro do coração de Deus. Entre esses homens, distintos pela palavra, pelo exemplo e pelo sacrifício, estão os pastores dos mais difíceis rebanhos, a exercerem uma dignidade superior de sacerdócio forjada como o bronze dos turíbulos, em altas temperaturas de aflição. Aflição de incenso que se consome em graças e arde em perfume pela salvação das almas. Eles nos chamam filhos, nós os chamamos bispos.

Ocorre então, Senhores, que nesta noite chega a esta Casa um desses homens, o Arcebispo Dom Luiz Soares Vieira. Chega para nós com suas luzes que pertencem à linhagem dos claustros e ao magistério sagrado. Chega nos lembrando que por aqui passaram religiosos como Cônego Walter Nogueira e Padre Nonato Pinheiro. Mais uma vez, neste Silogeu, as letras sagradas convivem com as profanas, para uma feição completa da cultura amazonense.

Esse notável paulista da cidade de Conchas cursou o ginásio e o clássico já no Seminário Diocesano de Botucatu. Sua vocação para sacerdote de Cristo cedo se definiu. Em 1960, formava-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Prossegue os estudos na Universidade de Mogi das Cruzes, graduando-se em Filosofia. Seu rigoroso zelo pelo preparo intelectual levou-o a mais de duas dezenas de países, da França à China, da Tailândia ao Chile. É sócio fundador da Academia Amapaense de Letras. Entre cargos que ocupou, destacam-se: vice-reitor do Seminário Diocesano de Botucatu; vigário ecônomo de N. S. de Guadalupe; vigário geral da Diocese da Apucarana, bispo diocesano de Macapá, membro delegado do Episcopado Brasileiro à IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Sua atividade magisterial é eclética. Foi professor de Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Língua Italiana, Educação Moral e Cívica, Cultura Brasileira, Direito Canônico, Filosofia da religião. Como escritor, tem diversos artigos publicados em jornais e revistas do País e estudos inéditos como "Filosofia e Ciências Experimentais", "Síntese do Direito Processual da Igreja", "Aspectos Jurídicos do Matrimônio", "Matrimônio Misto", "O Problema da Liberdade". Arcebispo de Manaus desde 1992. Foi eleito para a Academia Amazonense de Letras em agosto deste ano, sucedendo o cronista Josué Cláudio de Souza na cadeira patrocinada por Inglez de Souza.

Dom Luiz, declarais com humildade que escreveis por força de um chamado. Trata-se certamente daquele apelo divino que fundou a profecia no deserto, que fez de Débora o oráculo da palmeira; que vestiu-se de peles e alimentou-se de gafanhotos para aplainar as veredas do Senhor; que fez

Semeão, alegre, despedir-se da vida, ao contemplar a glória dos séculos diante do rosto de uma criança. É o convite irresistível da palavra inspirada. Antes do início dos tempos, Deus era simplesmente palavra pura, impronunciada, uma solidão completa que nem lágrima tinha, e só tinha o nome de Verbo. Depois da Encarnação, o Verbo atingiu o apogeu de pronúncia máxima, incendiou os confins da terra com as línguas de Pentecostes, transformou toda a carne do Apóstolo Paulo numa epistola viva, invadiu as muralhas de Ávila e os campos de Lisieux para transverberar o coração de duas Teresas, para que a Palavra, descendente do Verbo, se revestisse de excelência suficiente para registrar na História as últimas revelações de Deus. Eis a fascinação da palavra divina. Eis o impulso que torna o homem voz da Voz, palavra da Palavra, anúncio do Anúncio. Esse arrebatamento da inteligência, esse consentimento belíssimo da razão diante da fé, que nos faz pregar, proclamar e promover as verdades sagradas, toda essa paixão de reproduzir os gemidos do Espírito, todo esse alumbramento de linguagem que reduz a aternidade à palavra amor, essa sedução tão honrada nos êxtases dos santos, tão inalcansável à busca dos cientistas, tão perdida na volúpia dos poetas, ela faz a noite das celas dos conventos, revela o número impossível das equações, captura num verso o incomunicável, sustenta a chama dos altares, faz catedrais enormes se equilibrarem sobre um frágil suspiro do Evangelho, e faz as encíclicas, e faz as homilias, é o fruto dos sacerdotes e o pão estendido pelos bispos. Eis o chamado, Dom Luiz, a que atendeis, eis a razão por que escreveis, eis como chegais até nós com vossa cruz existencial bordada pelas letras santas. É o apelo para que divulgueis as revelações do Verbo, para que não fiquem só convosco, como não ficaram só para Santa Teresa e outros tantos intérpretes do Altíssimo, aquelas palavras de locução interior com que Deus visita cada oração dos eleitos. É por isso que, todos os domingos, pela imprensa amazonense, distribuis entre o vosso povo o que permanentemente ouvis das Escrituras, o que silenciosamente interpretais da vontade do Verbo. Repartis com todos as provisões de força e de graça que acontecem como peixes multiplicados novamente na mesa de vossa penitência.

Tendes, D. Luiz, a inclinação profética de transformar, em palavras peregrinas que procuram os homens, os dons que recebeis em vossa procura de Deus, já consumada. A imprensa amazonense acolhe essa palavra. Não falta ao povo e às instituições a vossa orientação, nas conjunturas complexas, nas encruzilhadas do cidadão, nas inquietações terrenas do Estado, nas atribuições supraseculares da Igreja. Partindo da leitura dessas crônicas, aventuro-me à síntese de dizer que vos equilibrais entre a Doutrina Antiga e a Futura, tornando-vos um condutor sagaz da evolução, que não

adota o sofrimento inútil da sociedade como desígnio inarredável, mas elabora um pensamento de luta sistemática contra os males de todos os gêneros, para cumprir a plenitude do tempo inaugurado pela Encarnação e aproximar o Reino. É como se dissésseis nessas crônicas: nada que é humano é alheio à Igreja, mas nem tudo que é humano a edifica.

Vossa crônica é vossa oração, vossa conversa com a Providência. Nesse ponto ficamos sujeitos à seguinte indagação: quem pode saber o que se passa no diálogo de Deus com um seu bispo? Que flautas podem interpretar a prece de um pastor quando seus olhos, ao anoitecer, se levantam na direção da estrela Vésper? É certo, todavia, que a angústia dos pastores de alma deve ser a mais profunda por ser a mais sofredora diante da pior das perdas humanas, que é a perda da graça. Penso que o coração infinito de Jesus tem um lugar reservado para receber as orações dos bispos! Por que essas orações percorrem toda a terra, penetram nos lares desassistidos, visitam os hospitais, transpõem as grades dos cárceres, ouvem os lábios calados pelas desesperanças, e os que blasfemam, e os que pedem, e os que imploram, e carregam todas essas queixas, abandonos, culpas e pecados, e sobem essas preces dos bispos nas espirais dos sinos consternados, sobem em círculos que invadem as regiões só conhecidas de Deus, e depositam aos seus pés esses fardos gerais dos homens, e quem sabe essas preces não contenham a seguinte indagação: Porque persiste esse trânsito de dores entre a terra e o céu? Por que dores sobem e graças descem? Por que enquanto graças descem dores sobem? Os bispos ouvem as respostas, dizem-nas nos sermões, repetem-nas nos confessionários, e alguns, como vós, Dom Luiz, dividem-nas com todos, em crônicas do cotidiano, em libelos contra a perdição, em palavras que são bênçãos sobre lágrimas, açoites contra o mal, beijos sobre as feridas.

Senhores, temos diante de nós um homem e a sua fascinação pela palavra divina, temos um sacerdote e o seu novo púlpito no mundo. E ele escolheu a humildade para marca de seu pronunciamento nesta Academia. Se quisesse, teria encontrado espaço para pontificar com a sabedoria das Escrituras, teria interpretado os pontos mais difíceis da Doutrina, teria nos surpreendido com a poeira de ouro levantada pelas sandálias dos padres do deserto, teria nos impressionado com as cintilações da Tradição e da Mística. No entanto, ele abandonou hoje essas refulgências que lhe teriam sido tão fáceis, para trabalhar conosco as rápidas faíscas das nossas pedras brutas, para plasmar conosco essa matéria tão diferente daquela dos seus campanários, arriscando-se assim a também refletir o mundo através desse nosso cristal estilhaçado de equívocos. Então Dom Luiz voltou-se à Teoria

Literária, às técnicas de abordagem do texto. Quem necessariamente exercitara, por exemplo, a exegese de São João, jamais deixaria de ter percuciência para desvendar os subterrâneos de qualquer construção literária. Nasceu daí o categórico estudo que acabais de ouvir, Senhores, sobre o romance "O Missionário". As letras amazônicas ganharam nova invasão de luzes nos meandros temáticos e artísticos de Inglez de Souza. A crônica de Josué criou um corpo para Manaus; a crônica de Dom Luiz deu-lhe uma alma.

Quando recordo vosso magistério sacerdotal, Dom Luiz, penso que, com vossa chegada a esta Casa, dá-se um encontro de tribunas, um diálogo de cátedras. Possa eu representar diante de vós, por alguns instantes, a tribuna dos homens e a cátedra do transitório. Diante de vós, que representa a tribuna de Deus e a cátedra do eterno. A cátedra ensina, a tribuna movimenta. Os homens ensinam a contingência da carne e a matéria finita; e movimentam o pensamento nas repetidas espirais das mesmas contingências. A cátedra inspira, a tribuna profetiza. Deus inspira nosso coração para o infinito e profetiza consumação de tudo na matéria salva pelo Espìrito. A cátedra obriga, a tribuna reivindica. Pela carne, os homens se obrigam a permanecer na morte; e reduzem a glória da beleza ao limitarem-na ao império dos sentidos. A cátedra conforta, a tribuna proclama. Deus conforta a carne do pecado com as ânsias de perdão e proclama a beleza salvífica como âmago da glória. Então, o que chega até vós, na esteira de nossas vozes, são murmúrios de servidões antigas, luzes tresmalhadas na vigília do profano, e muita inquietação. O que nos chega, vindo através de vossa presença, é a lembrança daquela voz que clamava no deserto, é uma réstia' do clarão daquele trigo repartido em Emaús, é a perplexidade de um dedo que se retira de uma chaga da ressurreição, para nunca mais duvidar. Se desejei ouvir de vosso discurso reminiscências de Antiga Aliança, devo dizer-vos, como se esta Casa de repente se transformasse em um confessionário, que qualquer angústia que oprima a minha alma encontra evasão quando me vem à lembrança aquela insubstituível exclamação de Isaías: "Sentinela, quanto resta ainda da noite?". Essa pode ser a indagação de todo homem que acende a sua vida como uma lâmpada na vigília do sofrimento, e suspira pelo amanhecer da luz, do clarão interminável que o liberte de guardar a sua pequena luz! É principalmente a interrogação de quem atravessa a noite da fé, sim, porque desde São João da Cruz, a fé é uma noite escura que desaba na claridade, uma noite que devemos atravessar como cegos guiados por mão poderosa. "Sentinela, quanto resta ainda da noite?" é a forma de perguntar: Quanto falta, Senhor, para que eu finalmente creia que a treva necessária da fé é rondada pelo alvorecer da Vossa Face?

Se soprou em vosso discurso uma aragem discípula daquela que arrepiou a montanha do Sermão da Nova Aliança, eu preciso confessar que o momento mais belo que encontrei na história da salvação não foi o da estrela que resolveu cantar na vigília dos pastores quando as flautas já haviam silenciado; nem o daquela pedra que, levantada contra o pecado, parou no ar, e caiu vencida, a dez passos do arrependimento; nem aquele em que Lázaro, através do seu corpo, levou a voz do Senhor até a origem das trevas, e desde aí há um anseio de ressurreição no próprio coração da morte! O momento que mais me toca, Excelência Reverendíssima, é o daquele galo completamente insone que anunciou duas vezes a madrugada da consciência de Pedro: no primeiro canto, esse galo declara: se erraste, eu te perdôo; no segundo canto, proclama: se eu te perdôo, te salvo. O terceiro canto Pedro não mais ouviu: uma angústia santa já o transportara, e ele aceita compreender e amar a cruz que da inocente aurora se levanta!

Senhores, uma das funções mais antigas da noite é aquela em que ela anda, qual uma noviça, entre colunas geladas, a apagar um a um dos círios dos templos. Aos poucos, junto aos altares calados, crucifixos e imagens de santos começam a adormecer entre as pálpebras pesadas dos serafins. Também os templos pagãos recolhem as duas divindades, e as Musas desaparecem para preparar as cores da alvorada. Também, eu tenho de calar a voz que ergui nesta saudação dignificada pela fraternidade. Estendo até vós, Dom Luiz, em nome de todos desta Casa, uma reverência unânime, um abraço de boas-vindas, um lírio noturno que se acende de alegria. Que sejais feliz em vossa nova Casa. Que as bênçãos que vos são reservadas permaneçam convosco e entre vós.

O calendário da Igreja celebra no dia de hoje a memória de Santa Catarina, de Alexandria. Conta a tradição que Catarina, com argumentos da filosofia e da teologia, conseguiu converter cinqüenta sábios à aceitação do Cristo, quando do episódio de uma proposta espúria de casamento. Nós não somos cinqüenta, somos quarenta, e quiséramos ser sábios e a conversão anunciada é aquela que proclama: Dom Luiz, já convertido às letras dos anjos, entra na Academia Amazonense de Letras, já convertido também às letras dos homens!

Muito Obrigado!

Discurso proferido em 25.11.97

DISCURSO DE POSSE

(Dom Luiz Soares Vieira)

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos
Senhores...Senhoras

Academia lembra Platão, o discípulo predileto de Sócrates. A busca da sabedoria e da beleza reunia em torno do gênio filosófico inúmeros curiosos. O mestre excitava o desejo do conhecimento e, à maneira da parteira, ia ajudando seus discípulos a darem à luz a verdade. A palavra passou a designar associações de cientistas ou de literatos que se reúnem para ampliar conhecimentos, trocar idéias, animar uns aos outros na tarefa da construção da beleza, e transformar a realidade.

A Academia Amazonense de Letras surgiu em 1918 com altos propósitos de cultivar a literatura regional e estimular o aparecimento de novos valores. Por ela passaram nomes de expressão nacional e internacional, que honraram e honram as letras de nosso Estado. Inicialmente era constituída por trinta cadeiras. Por ocasião de seu cinqüentenário, aos 25 de maio de 1968, outras dez foram acrescentadas, entre as quais se encontra aquela que é consagrada a Inglez de Souza e de que honrosamente tomo posse.

O primeiro sentimento, que de mim se apossa, é sem dúvida a alegria de participar de uma associação de alto quilate. Ensoberbece-me a possibilidade de conviver com os maiores literatos do Amazonas, pessoas a que admiro e que merecem o respeito universal. Agradeço-lhes, senhores acadêmicos, a escolha de minha pessoa para colega e companheiro de jornadas literárias. Muito agradecido. Espero corresponder à confiança.

Por ocasião da posse nesta Academia, constitui praxe discursar a respeito do patrono da cadeira e de seus ocupantes. Não pretendo fugir à tradição. Inicialmente farei considerações mais longas acerca de Inglez de Souza; em seguida, abordarei a pessoa do único ocupante, até este momento, da cadeira 36, o inesquecível Josué Cláudio de Souza.

Herculano Marcos Inglez de Souza nasceu em 1853 em Óbidos, Estado do Pará. Filho da Amazônia, onde passou seus primeiros anos e para onde regressou com relativa freqüência, conhecia a região de forma

admirável. Daí provém a beleza de suas descrições de nossos rios e lagos, de nossas florestas e matas, de nossos animais e aves. Araripe Júnior atingiu tal grau de admiração por esses retratos escritos, que não se conteve em relatar suas viagens pela foz do Amazonas. Essa ousadia levou-o a descobrir mundurucus em regiões onde nunca eles estiveram.

Estudou Direito nas Faculdades de Recife e de São Paulo. Entrou na política e foi presidente das Províncias de Sergipe e do Espírito Santo. Foi sócio fundador da Academia Brasileira de Letras. Escreveu alguns livros que mereceram leitores. Saíram-lhe da pena, em 1877, "O Coronel Sangrado", em 1876, "O Calculista", em 1888, "O Missionário" que é sem dúvida sua melhor obra, em 1892 "Contos Amazônicos".

Inglez de Souza foi um homem profundamente influenciado por seu tempo, em que o entusiasmo pelas conquistas científicas chegava às raias da loucura, em que o positivismo de Augusto Comte ditava normas ao pensamento filosófico, em que o determinismo de Hipólito Taine tentava explicar a unidade do cosmo. Como reação ao romantismo, surgiu precisamente naquela época o realismo. "Tudo o que não se reflete na retina está fora do domínio da pintura", dizia Coubert, um dos chefes do movimento nas artes. Na literatura, Balzac, depois Flaubert, Zola, Maupassant, Dumas Filho foram os arautos da libertação dos excessos de lirismo e de imaginação de Goete, Schiller, Chateaubriand, Byron e Musset. Foi a época em que Zola iniciara o naturalismo como frisagem do realismo. A realidade deveria ser posta às claras nua e crua, sem paliativos, mesmo em seus aspetos desagradáveis e feios. Eça de Queiroz entusiasmava os intelectuais portugueses e brasileiros. "O Mulato", escrito em 1881 por Aluísio Azevedo, fora o início dessa fase do realismo no Brasil. Vieram depois "A Carne" de Júlio Ribeiro, "O Missionário" de Inglez de Souza, "A Normalista" e "O Bom Crioulo", ambos de Adolfo Caminha.

À época de Inglez de Souza foi marcada por vários fatos que convulsionaram a política e o futuro do Império. De 1873 a 1875, o país foi abalado pela "Questão Religiosa", que terminou com a prisão do Bispo de Belém do Pará, D. Antônio de Macedo Costa, e do Bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira. O fato acirrou o anticlericalismo brasileiro. O Império entrara em seus estertores graças ao descontentamento da burguesia rural e à militância de intelectuais. O positivismo fora abraçado entusiasticamente pelas lideranças militares e urdia o nascimento da República.

Dos escritos de Inglez de Souza depreende-se que ele comungava plenamente com as idéias do momento. Um dos personagens de "O Missionário", Chico Fidêncio, mereceu carinho especial e apuro irrestrito. É uma das culminâncias do romance. Pois bem, Chico Fidêncio encarna ferrenho anticlerical, intelectual perfeito, vítima de perseguições injustas.

Devido à exiguidade de tempo e ao respeito devido aos presentes, não pretendo mergulhar em toda a obra de Inglez de Souza. Peço-lhes vênia e paciência para deter-me no romance "O Missionário", seu primor e sobrevivente. Coloca-se este livro no seguimento de "O Crime do Padre Amaro" escrito por Eça de Queirós. Facilmente se percebem as semelhanças. O tema consiste basicamente na degradação de um jovem sacerdote. A trama, bem urdida, apresenta as minúcias do processo de transformação do personagem principal. A natureza, a cidade de Silves, as demais personagens, os vai-e-vem, tudo concorre magistralmente para enfeitiçar o leitor e entretê-lo até o final da história. Poder-se-ia afirmar que o aspecto descritivo, aliás maravilhoso e fotográfico, esconde o intuito principal de Inglez de Souza que consistiu em desnudar a interioridade de Padre Antonio de Morais. Sem dúvida alguma, estamos diante de um livro que mereceu permanecer na literatura brasileira.

Embora a presunção seja o conhecimento do romance em pauta por parte dos presentes, permitam-me apresentar-lhes breve resumo. Espero não blasfemar contra a inteligência de quem quer que seja. Padre Antonio de Morais, recém-ordenado sacerdote, jovem de 22 anos de idade, é recebido pelos paroquianos de Silves na missão de suceder ao falecido e desacreditado Padre José. Cheio de ideais, o novo pároco consegue logo admiração dos fiéis e o respeito dos anticlericais chefiados pelo professor Chico Fidêncio. O entusiasmo inicial do pastor enfrenta a monotonia e a quase nenhuma resposta dos paroquianos. Os questionamentos começam a surgir. As lutas interiores naquele jovem lançado à solidão tornam-se fortes. O apelo à acomodação faz-lhe vacilarem os propósitos. Um repto, que lhe lança Chico Fidêncio (não teria coragem de evangelizar os mundurucus), leva-o à decisão de ir ao encontro dos índios bravios da região de Maués. Acompanhado do sacristão Macário, uma caricatura de subserviência e maquiavelismo, por dois tapuias remadores, numa igarité, atravessa o lago de Saracá, entra pelo Rio Amazonas, sobe o Abacaxi. Os remadores, que haviam sido enganados pelo sacristão, ao perceberem-se fraudados, fogem levando a canoa e deixando os outros dois na cabana de um pescador. Obcecado pela idéia de evangelizar os mundurucus, o padre obriga Macário a subirem o rio em pequena embarcação. São atacados. Ao refugiarem-se numa entrada de terra

a aparição de dois índios apavora Macário que foge. O padre ajoelha-se, espera o martírio. Feliz ilusão. Eram amigos do padre João da Mata, pároco de Maués e moradores do sítio onde ele vivera e falecera. Levado à casa dos hospitaleiros mundurucus, padre Antônio convalesce de doenças e cansaço. Nos dias de ócio encontra em Clarinha o amor de sua vida. Chegam notícias de Silves, onde o sacristão aportara e inventara cenas minuciosas do martírio heróico do padre jovem. Tornara-se o santo, louvado até por Chico Fidêncio. Regressa a Silves, levando consigo Clarinha, disposto a viver dupla mas ocultamente. Deixa a amante na casa de conhecidos. Volta, sonhando com fama e poder.

Como o romance de Inglez de Souza já foi analisado por vários críticos, entre os quais vale citar Sérgio Buarque de Holanda, Aurélio Buarque de Holanda e Araripe Júnior, proponho-lhes que nos detenhamos no caráter de Padre Antonio de Morais e no processo de construção de sua personalidade como os apresenta o autor.

Filho de pai despótico e devasso, tinha mãe totalmente submissa. Viveu infância livre e feliz na fazenda paterna situada nos interiores de Igarapé Mirim. As cores do quadro da vida de Antonio neste período são atraentes, transmissoras da idéia do paraíso perdido. É como se Rousseau estivesse a sussurrar: "O estado natural do homem, sozinho sem a sociedade, é bom, perfeito e feliz, porque tem poucas necessidades, que são rápida e plenamente satisfeitas, e porque faz a todos iguais. "A educação dada pela sociedade seria a causa da desgraça do ser humano. "Até entrar para o Seminário levara uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a meter as vacas no curral. Montava os bezerros de seis meses e os poldros de ano e meio. Acordava cedo, banhava-se no rio horas inteiras, e depois corria léguas à caça dos ninhos de garças e maguaris. Satisfazia o apetite sem peias, nem preocupação, nas goiabas verdes, nos araçás silvestres e nos taperebás vermelhos, de perfume tentador e acidez irritante." O menino tinha espírito indômito e meio selvagem. Justamente aí estão a natureza, o caráter bruto, a personalidade a serem desabrochados.

Á educação dada no Seminário de Belém competia domar o xucro, desbastar as arestas, corrigir os defeitos, ajudar a emergir o homem. Infelizmente, a obra foi tremendamente repressiva e castradora. "Por outro lado, o seu espírito indômito e meio selvagem foi paulatinamente cedendo à influência suave do cultivo e da doutrina dos Padres-Mestres, mas não sem rebeldias bruscas e inesperadas que tonteavam o Padre Reitor e tornavam necessárias as valentes palmatoadas que lhe aplicava o carrasco do

Seminário, um caboclo robusto e impassível, de olhar estúpido e gestos de bonifrate."

Dois ardores instintivos lhe queimavam o corpo e a alma: as vontades sexuais, que procurava refrear com jejuns e macerações, e a vaidade de suplantar os demais, de ter fama, que merecia a mão forte de seus mestres. Ao final, do Seminário saiu um sacerdote dotado de esplêndida inteligência, cheio de ideais. Bem diferente do meninozinho do interior! A pergunta, que desde o início se propõe veladamente ao leitor, está na eficácia da educação seminarística. Em última análise, "O Missionário" é uma tese defendida por .Inglez de Souza, a partir da visão de Rousseau. O Seminário estragou o selvagem.

No neo-sacerdote a educação parece ter vencido. A vaidade passa ao largo de sua existência. Seu bispo, a conselho dos mestres, propôs-lhe estudos de doutoramento em São Sulpício, Paris. Padre Antônio recusou e preferiu aceitar o paroquiato da pequena Silves, na Província do Amazonas. Sem dúvida um gesto altamente confortador para os que nele haviam apostado. Quanto aos anseios sexuais, o jovem clérigo pareceu irrepreensível, apesar das lutas e tentações. Tanto é verdade que todos ficaram surpreendidos, inclusive Chico Fidêncio, o chefe dos anticlericais. "Só havia um assunto possível, em que poderia espraiar-se, lançando um belo artigo capaz de fazer sensação. Esse assunto era Padre Antônio de Morais. Mas, havia um mês que Padre Antônio chegara, e Chico Fidêncio ainda não pudera formar um juízo definitivo, nem achara motivo para um pequeno artigo. Bem não queria dizer do vigário, porque isso era contra os seus princípios. Para dizer mal era preciso uma base, um motivo, um pretexto ao menos, e essa base, esse motivo, esse pretexto não aparecia".

O tempo prova o homem. A monotonia da existência, da sucessão bocejante dos segundos intermináveis do nada fazer ou do nada acontecer, vai arrancando máscaras, vernizes ou tinturas. Mais cedo ou mais tarde reaparece o "númenon", a realidade profunda, fazendo desaparecer o "fenomenon", o maia, as aparências. Padre Antônio, jovem vigário de Silves, encontrou-se, pela primeira vez em seus vinte e dois anos de idade, sozinho, frente ao desafio de viver sua verdadeira face. O início foi alentador, com boa freqüência de fiéis aos atos litúrgicos e à catequese. A rotina, paulatinamente, reduziu os participantes. A decepção relaxou-lhe as defesas. Da celebração diária passou, sem remorsos, à Missa semanal. Tinha preguiça até no atendimento dos doentes. Mas, era ainda o idealista de sempre. Aproveita-se da cerimônia do casamento da sobrinha do Neves Barriga com o Cazusa

Bernardino, para fazer um sermão preparado com esmero a fim de atrair o rebanho rebelde. Nada aconteceu em resposta. A desilusão fazia-lhe sentir a inutilidade do trabalho em Silves. "Aquela vida de obscuros e não apreciados sacrifícios, de virtudes negativas que os amigos de Silves resumiam em não beber, não jogar, não dar escândalos com mulheres - começava a pesar de modo insuportável, e Padre Antônio entrevia, cheio de profundo e íntimo desespero, um futuro vulgar de padre bem-comportado, preso à Igreja duma vila do interior, numa colocação perpétua, engordando na vadiação estúpida dum paroquiato aldeão, e acabando, esquecido no mundo, numa icterícia negra."

Foi nesse momento difícil que Padre Antônio recebeu um desafio de Chico Fidêncio e dos anticlericais da cidade. O capitão Fonseca "levantou-se, chegou à porta da rua. O vigário estava na ocasião de face para ele. No seu rosto calmo e sereno uma bondade reluzia. Falava afavelmente, em voz baixa, com o homem, um tapuio morador da beira do lago:

- Padre-mestre, faz favor ? disse o coletor em voz alta.

- Estava aqui sustentando este senhor, continuou na sua voz autoritária e grave, quando o padre, largando o tapuio, chegou à porta da loja; estava aqui sustentando este senhor que no Brasil não há mais padres que façam a catequese de índios, porque na Mundurucânia os gentios queimaram a povoação de S. Tomé e assassinaram os habitantes. Eu, pelo contrário, sustentava que ainda há missionários, posto que isso seja mais próprio de italianos. Que diz V. Revma.?

Padre Antônio olhou demoradamente para Fidêncio, para os dois rapazes, para a figura pascácia e grave do capitão Manuel Mendes da Fonseca. No olhar brilhou-lhe um relâmpago, com uma expressão de desafio e luta que Fidêncio estranhou, surpreso. Depois o padre sorrira e dissera:

- Este senhor tem razão; há muitos chamados e poucos escolhidos.

A catequese dos mundurucus fixa-se-lhes no pensamento e torna-se obsessão. Queria ir ao encontro dos índios e ser martirizado. Lembro que o desejo do martírio tomara conta da imaginação e dos corações dos jovens cristãos do século passado. Teresa do Menino Jesus, em seus escritos, é um exemplo típico da época. O romantismo apossara-se do imaginário religioso da segunda metade do século XIX. No pároco de Silves ressurgem os entusiasmos por grandes ideais. Na evangelização de Mundurucânia estaria

sua glória. Percebe-se intensiva e extensivamente que Inglez de Souza visualizou no desejo evangelizador de Padre Antônio de Morais uma fuga aos desafios maiores da vida cotidiana. "Os sinos repicavam, numa impaciência alegre. Padre Antônio continuou a caminhar lentamente, pensando que cem vezes estivera a cair, cedendo à fatalidade da herança e à influência do meio que o arrastavam para o pecado. O medo da condenação eterna, espantalho que para sempre aterrara a imaginação supersticiosa do matuto, o desejo de ganhar a vitória, e, por que não o confessaria na solidão da rua adormecida ? o olhar suspeito e investigador do jornalista liberal haviam-no salvado da queda. Quisera lutar e vencer. Dominara o ímpeto das paixões, na certeza de que vencia também o insolente colaborador do Democrata de Manaus. Mas agora - pela centésima vez o pensava - à sua natureza forte não podia quadrar aquele viver mesquinho que o tanger dos sinos recordava. Forçoso era fugir a todo o custo às tentações da existência desocupada e fácil de pároco sedentário. Voltava novamente a desejar uma vida de tormentos e martírios da carne, sonho que esquecera por algum tempo no entretenimento do culto divino, mas que ultimamente se impusera como solução única do problema do futuro, prometendo sedutoramente na palma do martírio a glorificação desta vida e a segurança da outra. "Dizem os psicólogos que certas atitudes aparentemente firmes e seguras originam-se em inseguranças e busca de auto-afirmação. Padre Antônio vacilava diante dos fracassos e tremia ao pensar no futuro. Sua formação seminarística tornara-o reprimido, recalcado; agora os fantasmas ameaçavam sair das profundezas do inconsciente, transformando-lhe totalmente o modo de viver. Faltava-lhe ao lado a presença do formador, do conselheiro, de alguém que lhe fizesse perceber a dimensão do real, que acordasse de devaneios. Estava sozinho, ainda meio adolescente, mergulhado em sua solidão... uma solidão de mais de mil quilômetros, o espaço que o separava de Belém, onde tinha se bispo.

Da decisão passa à prática. Ao sacristão impõe a condição de companheiro na tarefa heróica de ir ao encontro dos gentios. Dois remeiros são enganados e conduzem o igarité do padre. A pertinácia do vigário impressiona. Nada o desanima. Nem mesmo a desilusão de ver-se abandonado em cabana de pescador, sem canoa e sem alimentos, somente com o sacristão. A evangelização dos mundurucus tornara-se loucura, idéia fixa, questão de honra, verdadeira doença, tudo mascarado pelo desejo de martírio. Neste ponto do romance, Inglez de Souza mostra o fracasso da educação recebida no Seminário. No auge do entusiasmo de Padre Antônio começa a emergir o menino de espírito indômito e meio selvagem de Igarapé Mirim ao mesmo tempo em que vai sendo vencido o jovem educado em Belém. A luta inicia-se no campo da vaidade e do orgulho. O autor

aproveitou-se do espírito da época e colocou no jovem padre o sentimento religioso que envolveu os alunos dos seminários. Como já foi dito anteriormente, derramar o sangue pela fé tornara-se bandeira dos jovens do século XIX. Ir aos índios ou aos pagãos e ser assassinado na pregação evangélica era o maior prêmio que um cristão poderia desejar. É de notar que o autor demonstra em "O Missionário" bom conhecimento da Igreja Católica de então. Já nos trechos referentes à formação seminarística cita corretamente teses de patrística, de teologia dogmática, de teologia moral e de história da Igreja.

A personalidade de Padre Antônio de Morais aparece com maior nitidez no episódio do não acontecido martírio. Após o ataque de flechas lançadas por índios em pleno rio, o vigário e o sacristão escondem-se numa ponta de terra. Surpreende-os a aparição de dois mundurucus. O sacristão consegue fugir numa desembalada que o levaria a Silves. O padre, percebendo morte iminente, ajoelha-se à espera dos golpes finais. Entretanto, o entusiasmo pelo martírio cedera lugar a remorsos acerca "da vaidade, do orgulho, da ambição de nome e de glória, que, mais do que o Amor Divino, haviam motivado os atos de sua vida." Nada mais percebe. O cansaço e a enfermidade fazem-no perder os sentidos, Quando acorda, encontra-se num sítio aprazível, rodeado pelos carinhos e atenções do velho João Pimenta, chefe mundurucu convertido, por seu filho Felizberto e pela neta Clarinha.

A derrota total da educação recebida no Seminário de Belém acontece-lhe na convalescença. A solidão, os fracassos, o ócio trabalham o espírito do vigário de Silves. Devagar apaixona-se pela menina de quinze anos, a formosa mameluca, fruto da paixão de Padre João da Mata por Benedita, filha falecida de João Pimenta. Inglez de Souza traça vagarosamente o quadro da sedução exercida pela moça e a vida marital posterior. A evangelização dos mundurucus é esquecida em troca da vida à-toa.

Outro passo para desvendar o caráter de Padre Antonio é a sua reação ao saber que, em Silves, o sacristão havia espalhado uma fantasiosa história de seu glorioso martírio e que o bispo de Belém pretendia nomear um novo vigário para a cidade. A conversa de Felizberto com um regatão, com possíveis indiscrições sobre sua estada no sítio do falecido pároco de Maués, mexe-lhe o ânimo. De repente, põe-se de volta a Silves a fim de retomar as rédeas da paróquia. Leva consigo Clarinha na pretensão de continuar a viver secretamente suas relações amorosas. O final do romance joga à luz toda a grandeza da ambição que lhe ia dentro da alma. "Nas auras

sopradas do mar lhe vinham os perfumes acres da cidade que entrevira uma vez ao cair da tarde, e que lhe deixara uma impressão confusa de luzes, de sons e de objetos estranhos, entre os quais se destacavam as mulatas de camisa de rendas impregnada de trevo e pipirioca, perfumes fortes excitavam o temperamento sensual, dando-lhe o antegosto duma infinidade de prazeres. Ao mesmo tempo na toalha larga, clara e movediça do rio, a perder-se intérmina no horizonte, parecia refletir-se a imagem dum esplêndido futuro, em que ofuscavam a fantasia as cintilações diamantinas da mitra episcopal duma diocese do Sul." Fora vencido pelos prazeres e pela vaidade. A educação do Seminário ficara-lhe na pele, na superfície; as profundezas selvagens do menino paraense tinham irrompido fortes quando chegara a hora da verdade.

A personagem de Padre Antônio de Morais, como foi construída pelo autor, tem força e verossimilhança. A análise feita através de gestos e diálogos ou monólogos, impressiona. Parece alguém vivo e conhecido. Todavia é impensável ou dificilmente pensável que o Bispo de Belém tenha enviado para o interior longínquo um sacerdote de apenas vinte e dois anos, dono de um futuro intelectual prenhe de promessas. Mas, tudo é possível num mundo em que nada causa admiração.

Quanto às demais personagens do romance em pauta, a única que tem elaboração acurada e forte é Chico Fidêncio, o anticlerical e dono de atributos culturais. O sacristão é caricato e faz o papel de bufão de autos medievais. Aliás, Padre Antônio e Macário lembram Dom Quixote e Sancho Pança. Ao contar a história de Totônio Bernardino, o jovem que morreu de amor, Inglez de Souza estava possuído por febre de romantismo. O rapaz não passa de cópia barata de Werther de Goethe.

Passemos agora ao primeiro ocupante da cadeira 36 desta Academia, o saudoso Josué Cláudio de Souza.

A oratória foi considerada, através dos tempos, uma das artes mais arrebatadoras. Demóstenes, Cícero, Agostinho, Churchil arrastaram multidões. Com a introdução dos meios de comunicação social aconteceu o processo especificamente contemporâneo de locutores de rádio, apresentadores de televisão que empolgam cidades e nações. Como não recordar o discurso de Churchil que significou a reviravolta da segunda guerra mundial ? Como deixar no ouvido o discurso de Carlos de Lacerda que convulsionou o país e levou ao suicídio o presidente Vargas ? Pois bem, Josué Cláudio de Souza notabilizou-se como jornalista da imprensa falada.

Permita-me, senhor Presidente, tomar-lhe emprestadas anotações inéditas sobre a atuação desse saudoso membro da Academia Amazonense de Letras. “Cronista de imprensa diária, por mais de 40 anos retratou o cotidiano da política, da sociedade, dos esportes, da magia da fé, dos mistérios que rondam os mundos de cada ser humano. Anos a fio a cidade se recolhia para ouvir a Crônica do Dia, em que traçava, na verdade, o comentário mais precioso sobre os principais assuntos do momento. Direto, em linguagem peculiar, ritmo e voz inconfundíveis, construindo marca pessoal indestrutível, na radiofonia amazonense. Fazendo escola, mesmo quando cuidou de assuntos mais ao gosto do grande público, com indicações de horóscopo, de fé, de espiritualidade, ainda que apegado aos dogmas da Igreja Católica.”

Infelizmente, não o conheci em pessoa, pois faleceu nos primeiros tempos de minha chegada a Manaus. Sua fama, entretanto, ultrapassou as fronteiras dos meses e dos anos. Até hoje seus ouvintes têm saudades de momentos emocionantes ao lado do receptor de rádio. Sua eleição para membro desta Academia fez justiça a um trabalho sério, que iniciou nos Diários Associados do Rio de Janeiro e atingiu seu clímax na Rádio Difusora de Manaus. Emociona o relato de sua posse nesta casa, feito por Vossa Excelência senhor Presidente. “A posse foi simples. Alquebrado, depois de anos de eleito, resolveu assumir a cadeira quando parecia sentir o peso dos tempos. O discurso escrito para cumprir o ritual acadêmico, quer pela dificuldade de leitura imposta pela frágil visão, como e principalmente porque o cronista jamais se submeteu ao texto, deixou-o de lado, e pôs voz ao coração, tornando sua festa de consagração acadêmica em mais um ato de amor a Manaus e à crônica.” Josué Cláudio de Souza permanecerá na história do Amazonas como o radialista, o cronista, a voz.

Antes de encerrar estas minhas palavras, não poderia deixar de agradecer a todos os que me incentivaram às letras e à entrada nesta casa. Nunca pretendi a honra de literato. Escrevi por chamado. Escrevi para transmitir ao maior número possível de pessoas as boas notícias daquele em que acreditei e que é razão de minha vida. Escrevi para animar os desfalecidos pela falta de orientação ou de carinho. Procurei escrever da maneira mais simples para ser entendido por todos, o que constitui tarefa muito difícil. Agradeço que me compreendam. Nas pessoas de meus irmãos Amaury e José Celso, bem como de minhas cunhadas Antoninha e Neide, abraço a todos. Minha família é minha riqueza. Nela encontramos união, amizade e apoio em todos os instantes da vida. Nos amigos descubro cada vez mais tesouros para além da imaginação. Obrigado.

Aos membros da Academia Amazonense de Letras um agradecimento especial aliado ao compromisso de companheirismo na luta pelas letras de nossa gente.

CURRICULUM VITAE

A) DADOS PESSOAIS

1.	Nome:	Luiz Soares Vieira
2.	Filiação:	Luiz Carlos Vieira e Judith Soares Vieira
3.	Naturalidade:	Conchas, Estado de São Paulo
4.	Data de nascimento:	02 de maio de 1937
5.	Estado Civil:	solteiro
6.	Certificado de Serviço Militar:	nº 866815 - 3ª categoria - 2ª R.M. - 14ª C.R.
7.	Título Eleitoral:	nº 13600932/16 001 Zona - Manaus, Am
8.	Endereço:	Avenida Joaquim Nabuco, 1035 - caixa postal 89 telefone 232-1035 - CEP 69011-970 - Manaus, Amazonas

B) FORMAÇÃO

1 Ensino Primário: Grupo Escolar - Itatinga, S.P. 1944 a 1947

2 Ensino Médio: Seminário Diocesano - Botucatu, S.P. 1948 a 1953
(ginásio e clássico)

3 Ensino Superior:

a) Filosofia - Seminário Central do Ipiranga, São Paulo. 1954 a 1956

b) Teologia - Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma 1956 a 1960

c) Complementação Filosófica - Universidade de Mogi das Cruzes, S.P. 1970

4 Outros Cursos:

a) Psicopedagogia do Estudo - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arapongas, Pr. 1970

b) Educação Moral e Cívica - OMEC 1970

c) Curso de Treinamento dos Agentes da Reforma Administrativa - Ministério do Planejamento 1970

d) Curso de Atualização teológica e filosófica vários

C) **TÍTULOS**

1 - Bacharel e Licenciado em Teologia
2 - Graduado em Filosofia
3 - Sócio fundador da Academia Amapaense de Letras

D) **VIDA PROFISSIONAL**

1 - Sacerdotal :

a) Vice-reitor do Seminário Diocesano de Botucatu 1960 a 1962
b) Vigário Ecônomo de Chavantes, SP 1962 a 1969
c) Pároco de Pirapó, PR 1969 a 1978
d) Pároco de São Benedito, Apucarana, PR 1978 a 1980
e) Pároco de Sabáudia, PR 1980 a 1982
f) Pároco da Santíssima Trindade, Arapongas, PR 1982 a 1984
g) Vigário Ecônomo de N. Sra. de Guadalupe, Arapongas, PR (acumulando com item "e") 1982
h) Vigário Episcopal da Zona Pastoral de Pirapó 1975 a 1978
i) Vigário Episcopal da Zona Pastoral de Astorga, PR 1980 a 1982
j) Vigário Episcopal da Região Centro-Norte 1982 a 1984
k) Juiz Oficial do Tribunal Eclesiástico da Diocese de Apucarana 1970 a 1984
l) Vigário Capitular da Diocese de Apucarana 1982 a 1983
m) Vigário Geral da Diocese de Apucarana 1983 a 1984
n) Reitor do Seminário Filosófico de Apucarana 1982 a 1984
o) Bispo Diocesano de Macapá, AP 1984 a 1992
p) Arcebispo de Manaus, AM 1992 até hoje
q) Membro delegado do episcopado brasileiro à IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano - S. Domingos, República Dominicana 1992

2 - Magistério:

a) Ensino Médio

- Português, Literatura Brasileira e Portuguesa, Língua Italiana - Seminário Diocesano de Botucatu - 1960 a 1962
- Ensino Religioso - Colégio Dr. Ernesto da Fonseca - Chavantes, SP. 1963 a 1968
- Filosofia - Colégio Nilo Cairo - Apucarana, PR. 1970
- Educação Moral e Cívica - Colégio Coronel Luiz José dos Santos - Pirapó, PR. 1970 a 1976

b) Ensino Superior:

- Cultura Brasileira - Faculdade Emílio Peduti - Botucatu, SP. aprovado pelo Conselho Federal de Educação conforme Parecer 402/62 — 1962
- Cultura Brasileira e Estudos de Problemas Brasileiros - Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Jandaia do Sul, PR. aprovado pelo Conselho Estadual de Educação conforme Parecer 474/72 — 1970 a 1982
- Estudos de Problemas Brasileiros - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arapongas, PR. — 1977 a 1982
- Estudos de Problemas Brasileiros - Faculdade de Ciências e Letras de Apucarana, PR — 1975 a 1978
- Matérias Filosóficas - Seminário Filosófico de Apucarana, PR — 1978 a 1984
- Direito Canônico - Seminário Maior Paulo VI - Londrina, PR — 1981 a 1984
- Filosofia da Religião - Seminário Pio X - Belém, PA — 1989 a 1991

3 - Outras Atividades :

a) Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arapongas, PR — 1982 a 1984
b) Diretor da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de Arapongas, PR — 1982 a 1984

E) TRABALHOS

1 - Publicados : artigos em revistas e jornais
2 - Inéditos :
a) O problema da Liberdade
b) Filosofia e Ciências Experimentais, oposição ou complementação
c) Síntese do Direito Processual da Igreja
d) Aspectos Jurídicos do Matrimônio
e) Matrimônios Mistos

D) CONFERÊNCIAS PROFERIDAS

- Educação Moral - 06 conferências na Inspetoria de Ensino de Jandaia do Sul, PR
- O Padre Anchieta - Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana

- O Problema de Deus - Instituto Filosófico de Apucarana
- Filosofia e Ciências Experimentais - IBIDEM
- A Igreja através dos tempos - 20 conferências no Instituto de Filosofia de Apucarana

E) VIAGENS DE ESTUDOS

- Itália, França, Alemanha, Áustria, Suíça, Espanha e Portugal - 1972
- Estados Unidos, Japão, China, Hong-Kong, Tailândia, Malásia, Singapura, Indonésia, Austrália, Nova Zelândia, Ilhas da Sociedade e Chile - 1978

Manaus, 03 de fevereiro de 1997

D. Luiz Soares Vieira
Arcebispo Metropolitano de Manaus

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura